



## ***Leitura crítica dos “Complexos familiares”, de Jacques Lacan<sup>1</sup>***

*Jacques-Alain Miller<sup>2</sup>*

navarin@easyconnect.fr

**Resumo:** Em seu curso “Respostas do real”, de 8 de fevereiro de 1984, Jacques-Alain Miller evoca o texto Complexos familiares, de Jacques Lacan, referindo-se a ele como “a primeira teoria do desenvolvimento de Lacan”, na qual ele escande os três tempos essenciais (os complexos) do desenvolvimento da criança. Ele o comenta brevemente dizendo que “a referência sociológica de Lacan mascara o alcance de seu trabalho”. Lacan enfatiza que “a família não é natural, não é um fato biológico, mas um fato social”, objetivando assim poder formular que “os instintos nada têm a fazer ali”. Ele fala de “economia paradoxal dos instintos no homem”. Qualquer idéia de dependência vital camufla essa dimensão, prossegue Jacques-Alain Miller. A tese de Lacan é que “a dependência é a sujeição ao Outro, é uma organização significativa da fala”. Naquele ano, Jacques-Alain Miller publicou, pela Navarin, o texto dos Complexos, republicando-o em 2001, pela Seuil, e o incluindo nos Outros escritos. Encontraremos aqui apenas uma leitura da primeira parte; Jacques-Alain Miller não voltará a esse texto em seu curso semanal. O título Leitura crítica retoma uma frase de Jacques-Alain Miller da lição de 14 de março de 1984. Catherine Bonningue

**Palavras chave:** Nome-do-pai; cultura; complexos familiares.

**Abstract:** In his course “Des réponses du réel” of February 8, 1984, Jacques-Alain Miller evokes the text on “Family Complexes” by Jacques Lacan, speaking of it as “the first theory of development of Lacan” where he punctuates three essential moments (the complexes) in the development of the child. He briefly comments on it there, saying that “the sociological reference of Lacan hides the starting point of his work.” The accent is put by Lacan on the fact that “the family is not natural, is not a biological fact, but a social fact,” the finality of the thing being for him to be able to establish that “instincts have nothing to do inside it [the family]”—“he “speaks of the *paradoxical economy of instincts in man.*” Any idea of vital dependence camouflages this dimension, J.-A. Miller continues. The thesis of Lacan is that “dependence is the subjection to the Other, this is the putting into form of the signifying of speech.” That year, J.-A. Miller published this text “Family complexes” with the publisher Navarin, republishing it with the publisher Éditions du Seuil in 2001, including it in *Autres Écrits*. One only finds here a reading of the first part of “Family Complexes”; J.-A. Miller did not return to it in his course. The title of “Critical Reading” takes up a phrase of J.-A. Miller from the lesson of March 14, 1984. Catherine Bonningue.

**Key words:** Family; culture; Name-of-the-father.

### **I – Um texto precursor.**

Dedicaremos nosso interesse ao primeiro grande escrito e posicionamento de Lacan na psicanálise. Pena que ele não se encontre nos *Escritos*, precisamente por ser grande. O editor considerou que se poderia prescindir dele nesse volume, que tem quase 1000 páginas, e Lacan consentiu. Por isso, no parecer de Lacan, esse texto não tem uma existência inteiramente oficial<sup>3</sup>.

De todo modo, cabe dizer que ele não recebeu toda a atenção que merece. O fato de ele ter sido um tanto pirateado aqui e ali – o que é curioso -, não fez com que ele tivesse a consideração merecida.

Além disso, deram-lhe um título falso: *A família*. De modo algum ele se chama *A família*. Não entenderemos nada se nos pautarmos nesse título. Ele fazia parte de uma *Enciclopédia*, cujas linhas principais foram traçadas pelo psicólogo Henri Wallon. Graças lhe sejam dadas por ter recorrido a Lacan – que, na época, não era bem uma *persona grata* – para escrever um capítulo. Foi Wallon que organizou os capítulos: “A família”, “A escola”, “A profissão”. É abusivo considerar que era com a família que Lacan se ocupava. O verdadeiro título do texto é completamente diferente: *Os complexos familiares na formação do indivíduo*.

Hoje, só podemos lê-lo retrospectivamente. Não há nenhuma chance de lê-lo como um capítulo de enciclopédia dizendo: finalmente, chegamos ao capítulo “A escola”! Não podemos mais lê-lo a não ser de uma única maneira, e é justamente aqui que sua significação mudou: como precursor do ensino de Lacan, o que ele não era na data em que foi escrito. Tratava-se, então, de uma síntese sensacional da teoria do desenvolvimento psíquico, assim como de uma clínica freudiana. A segunda parte, “Os complexos familiares em patologia”, é uma clínica freudiana abreviada, de uma mestria absolutamente extraordinária. Deve ser lida como um esforço.

Decerto que, nesse texto, estamos aquém do que será o ensino de Lacan. Temos inclusive de lidar, é perceptível, com um jovem psiquiatra, um jovem psiquiatra e um jovem psicanalista. Isso ressalta melhor ainda qual é o índice que serve de orientação para Lacan permitindo-lhe, quanto à questão do inconsciente ou da história do inconsciente, dirigir-se adequadamente. Ao mesmo tempo, o mais ausente nesse texto é o próprio conceito de inconsciente, o que é impressionante. Nele, com certeza, não há nenhuma teoria do inconsciente. Tampouco há – obrigatoriamente – qualquer teoria da prática psicanalítica.

O texto que o precedeu, “Para-além do princípio de realidade”<sup>4</sup>, apresenta o começo de uma fenomenologia da relação analítica. Nesse texto, não há nada semelhante, e é preciso dizer que esse não é seu objetivo essencial. Não se trata da fala, da linguagem e menos ainda do discurso analítico, percebe-se, porém já haver uma distinção absolutamente rigorosa entre o eu (*moi*) e o sujeito, ponto umbilical do ensino de Lacan.

Nesse texto, falta a Lacan o que lhe virá depois por parte do estruturalismo, de Jakobson e de Lévi-Strauss. Tudo isso está ausente, não sem razão. O surpreendente, é que, ao mesmo tempo, é como se estivesse escavado – o próprio tema da família, por exemplo. Tem-se visivelmente uma boa orientação que se mantém independente em relação à obra de Freud, o que permitirá a Lacan, afinal, ter nela o ponto de apoio do inconsciente estruturado como uma linguagem que, como já foi bastante repetido, não está em Freud.

A boa orientação também não está nisso. Ao se pôr em voga esse tema, de saída, o que é que se enfatiza? Com certeza, como se trata de um fenômeno de geração e concerne à vida, enfatiza-se que tanto o animal quanto o homem têm família. Se é possível isolar a família a partir da própria geração, da procriação e da necessidade de manutenção de um meio ambiente para o desenvolvimento dos jovens, por parte dos indivíduos adultos, mesmo no animal – isto está desde o início do texto – o social é diferente do estritamente familiar, do estritamente natural. E, para passar ao homem, ele o caracteriza, desde o começo, pelo desenvolvimento das relações sociais<sup>5</sup>.

Eis aqui alguém que não dispõe nem da metáfora, nem da metonímia, mas, no entanto, põe fora do jogo, e de saída, o puro instinto natural no homem, considerando

simplesmente a observação, a experiência, a psicologia e a antropologia de seu tempo. Isso lhe basta para, excluir, desde o princípio, o instinto puro do que concerne ao homem, valorizando, em contrapartida, a instância constitutiva da dimensão chamada por ele *a cultura*, em tudo o que diz respeito ao homem.

Mesmo entre os animais há um elemento social que não é estritamente natural, porém, entre os homens, o social toma a forma de cultura. Antes da introdução das *Estruturas elementares de parentesco*<sup>6</sup>, por Lévi-Strauss, a referência essencial formulada por Lacan é a seguinte: onde quer que busquemos na espécie humana – isto não vale apenas para a psicanálise –, não há natureza que não seja remanejada pela cultura, de tal maneira que o fator cultural domina.

Isso o leva imediatamente a falar da economia paradoxal dos instintos. A tal ponto que não é através dos meandros da psicanálise que Lacan, desde o início, em seu índice de orientação pré-psicanalítica, isola a função paterna como o exemplo mesmo de uma função não dedutível da natureza.

Antes de Lévi-Strauss, ele alude à complexidade das formas de parentesco: “os modos de organização desta autoridade familiar, as leis de sua transmissão, os conceitos de descendência e de parentesco que lhe são adjuntos, as leis da herança e da sucessão que ali se combinam, enfim, suas relações íntimas com as leis do casamento [...]. Sua interpretação deverá então esclarecer-se com os dados comparados da etnografia, da história, do direito e da estatística social”<sup>7</sup>. Tudo isso, diz ele, estabelece a família como uma instituição.

Ora, do que se trata? Em primeiro lugar, de relativizar a forma familiar existente. Aqui já se tem, inclusive, um apanhado do que serão as pesquisas contemporâneas sobre a história da família. Porém, o que aqui é chamado cultural é, definitivamente, um *ersatz* do simbólico. O conceito do simbólico falta, mas da boa maneira, ou seja, percebe-se que ele é evocado de todas as formas possíveis. Nesse texto, é essencial a idéia de que no homem não achemos naturais a necessidade e o instinto, mas sim que, em uma dimensão outra, a da cultura, eles sejam remanejados. Evidentemente, isso ainda não é formulado a partir do Outro, ainda não está dito que toda mensagem dessa comunicação suposta mental se forma no lugar do Outro, embora já esteja articulada, de modo perfeitamente claro, uma dominação do fator cultural.

Constata-se também a aspiração, que será a de Lacan em seus matemas, a um ensino de simplicidade, contrariamente ao que se imagina. É o que encontramos, aqui, porquanto o que é dado como chave da teoria do desenvolvimento e da psicopatologia é um conceito, e apenas um: o do complexo. Um só conceito que, justamente, não é apresentado a partir da psicanálise, mas em uma fórmula generalizada, como ele se expressa, um conceito antitético ao do instinto. Vocês vêem aqui o que apóia minha demonstração, o ponto de apoio de Lacan nesse fechamento do inconsciente, um ponto de apoio externo, exterior à própria psicanálise. Ele define o complexo essencialmente como um fator de cultura, o oposto do instinto, e, nesse sentido, ele substitui Freud<sup>8</sup>. É repudiando Freud, de saída, que ele formula esse conceito operatório.

O que é esse complexo? É uma pré-estrutura. O conceito de estrutura lhe falta. No entanto, é o que ele procura definir, de maneira contornada, é claro. Ele tenta defini-lo ao mesmo tempo como uma forma e como uma atividade. Como uma forma que se impõe no desenvolvimento, fixando uma realidade datada, representando assim sob uma forma fixada, uma certa realidade do desenvolvimento – isso, do ponto de vista da gênese; por outro lado, como uma atividade, ou seja, como incitando a repetições de comportamentos, de emoções vividas, quando um certo número de experiências se apresenta.

Ele nos dá uma definição que não implica de modo algum se tratar apenas de complexo inconsciente. “O que define o complexo é que ele reproduz certa realidade do ambiente, e duplamente. 1) Sua forma representa essa realidade no que ela tem de objetivamente distinto em uma dada etapa do desenvolvimento psíquico; essa etapa especifica sua gênese. 2) Sua atividade repete no vivido a realidade assim fixada, cada vez que se produzem algumas experiências que exigiriam uma objetivação superior dessa realidade; essas experiências especificam o condicionamento do complexo”<sup>9</sup>

O que é que Lacan chama objetivação pelo conceito, a ponto de dizer que todo complexo se refere a um objeto? Só podemos apreendê-lo no conjunto do texto.

É a idéia de que o real não intervém como tal naquilo de que se trata. Ele só intervém através de diferentes formas de objetivação. Em outras palavras, ele emprega o termo objetivação utilizando-se da noção de que formas de objetivação se sucedem, e que se passa de uma forma de objetivação antiga para uma forma nova através de uma crise, através de um conflito de uma forma de objetivação, eventualmente com a referência ao real.

O que ele chama objetivação – com base em *A fenomenologia do espírito*, de Hegel, é o que é desenvolvido nessas formas de objetivação que se sucedem através de conflitos, resolvendo-se, depois, através das crises – vem, definitivamente, no lugar da palavra simbolização. O que caracteriza o complexo pela repetição da realidade fixada no lugar de uma objetivação superior da realidade, tanto mais que ele realça, em seguida, o fato de que toda identificação objetiva exige ser comunicada. Vemos aqui, com clareza, o que evoca o conceito de simbolização. Isso nos parece de difícil compreensão e só perceberemos seu valor a partir do que virá depois.

O que dá o ponto de apoio para a recoberta do inconsciente é a antítese aqui formulada entre o instinto e o complexo, permitindo opor, de um lado, o complexo como conhecimento – complexo que tem evidentemente o status do significante; deveríamos pôr o termo *saber* no lugar de complexo –, e, do outro, o conhecimento à co-naturalidade do instinto, assim como opor o caráter típico social do complexo à tipicidade na espécie do instinto; por fim, opor a estagnação própria do que ele chama um complexo à rigidez do instinto. Esse conjunto assinala que, de todo modo, no que concerne à definição do homem, nada se pode definir de seu psiquismo a partir da adaptação vital.

É o que, já em 1938, preparava Lacan para se opor à *egopsychology*, na qual, precisamente, a adaptação é uma palavra chave. O surpreendente é que, servindo-se com vantagem da razão, tem-se, como se escavado, desde antes da guerra, todos os elementos que convergirão para a segunda pulsação do inconsciente.

Foi somente num segundo movimento que Lacan situou o complexo como inconsciente, ou seja, propôs que Freud tivesse feito do complexo como inconsciente “a causa de efeitos psíquicos não dirigidos pela consciência: atos falhos, sonhos, sintomas”. Temos aqui, como se já estivesse preparado, o que Lacan chamará mais tarde *formações do inconsciente* isoladas em sua seqüência, assim como o complexo radicalmente não instintivo, cultural, baseado em um nível de objetivação, objetivação esta assentada na comunicação e situada por Freud como causa desses efeitos não dirigidos pela consciência. Temos, assim, como se estivesse preparado, aquilo que, num sobressalto, permitirá tanto o estruturalismo quanto *o inconsciente estruturado como uma linguagem*.

Para entender esse inconsciente estruturado como uma linguagem no lugar que lhe cabe, é preciso entendê-lo como a fórmula que permitiu a segunda pulsação do inconsciente, cujas coordenadas são dadas, aqui, inteiramente fora da experiência analítica, em sentido estrito.

## II – O pré-estruturalismo de Lacan.

Recorri ao texto “Complexos familiares” para introduzir a posição da psicanálise entre a matemática e a literatura, o que apenas esbocei, e que me levou a fazer alguns desenvolvimentos a respeito da *história* da psicanálise<sup>10</sup>. Se hoje eu tivesse de justificar a aproximação dessas duas partes, eu o faria tomando o viés de um termo que não foi recebido entre nós – é estrangeiro –, a fim de situar Lacan e alguns outros, a saber: o termo *pós-estruturalismo*. Trata-se de uma invenção de um anglo-saxão, que lhe permitiu fazer um parêntese onde inseriu alguns luminas do estruturalismo francês, ali colocando Lacan em companhia de certo número de nomes dos quais o seu se viu aproximado ao longo dos anos sessenta.

Se me detenho no termo pós-estruturalismo, é porque é sob essa insígnia que irei ao Canadá, em maio, a convite de um departamento literário, para falar sobre um pretense “Lacan no pós-estruturalismo”. Eu os preveni que não aceitava essa categoria, mas isso não os desencorajou.

Aproximarei, hoje, o pré-estruturalismo de Lacan – o que é certamente bem mais verificável do que o pós-estruturalismo – e sua posição quanto à ideologia estruturalista, o que se poderia de fato qualificar de pós-estruturalismo, no qual, justamente, ele não tem muitas companhias. Isso possibilitará marcar aquilo ao qual Lacan se oporia, conforme os departamentos literários da América freqüentemente acreditam, a saber, a superioridade da análise gramatológica ou *desconstrutiva*. Se, no que concerne à fabricação de teses, essa análise gramatológica é fundamentada – ela certamente o é –, no que concerne ao status atribuído à literatura ela não é tão evidente assim.

O texto *Complexos familiares* deve ser inscrito na história da psicanálise, porquanto ele é apresentado como escandido em momentos que se pode numerar: 1) A descoberta do inconsciente; 2) A interrogação técnica; 3) A virada dos anos vinte; 4) O abandono de Freud; 5) Do retorno a Freud.

Essa periodização sumária é a que Lacan, por mais desconfiado que fosse a respeito da história, apresenta em seus *Escritos*. Eu lhes ressaltarei que se podia ordenar essa história da psicanálise, o mais sucintamente possível, como o faz Lacan mais tarde, como a história do inconsciente cujo momento de descoberta acaba no recalque e que necessita, dá sentido e situação ao retorno a Freud<sup>11</sup>. É em relação a essa periodização que nos interessa o ponto de partida de Lacan, ou seja, o ponto de partida do retorno a Freud. Propus, e isso me parece admissível, que seu ponto de partida foi a diferença entre o eu (*moi*) e o sujeito<sup>12</sup>. É desse modo que a seqüência de seu ensino nos obriga a situar “O estádio do espelho” como sua porta de entrada na psicanálise. Nesse sentido, ele foi ao encontro do esforço de Freud de situar o eu (*moi*) referido ao narcisismo, no segundo decênio do século, marcado, por excelência, pelo texto “Sobre o narcisismo: uma introdução”<sup>13</sup>.

Sejam quais forem as correções de Freud eventualmente trazidas por Lacan sobre alguns pontos, e ele tende a fazê-lo desde “Complexos familiares” – o retorno a Freud não significa a devoção ao menor de seus ditos –, a definição do eu a partir do narcisismo, caso nos detivéssemos nisso, era suficiente para negar que se tivesse ali o ponto próprio para ser o pivô do processo analítico. Disso decorreu a insurreição de Lacan contra a *egopsychology*, quando, sob o pretexto de apoiar-se no texto de Freud “O Ego e o Id”<sup>14</sup>, ela relegou essa definição narcísica do eu.

Nesse sentido, a porta de entrada de Lacan via “Estádio do espelho” que, de algum modo, representa através de uma imagem – cabe dizer – o status narcísico do eu, era como se já estivesse preparada, por antecipação, para servir de testemunho contra a psicanálise relida como uma psicologia do eu. Quando Lacan começou seu ensino nos

anos cinquenta – em 1936 ele escreveu a comunicação “O estádio do espelho” –, ele não acreditava em seus olhos ao ler sobre o que estava acontecendo nos Estados Unidos a partir de 1945-46: lá, o eu era tomado como o pivô do processo analítico. Há, aqui, uma correspondência entre o que figura em “Complexos familiares” e o que fora para Lacan o tema de sua primeira comunicação diante da comunidade analítica em Marienbad, em 1936. Ele não redigira essa comunicação para publicá-la, parece, devido ao desdém ou à raiva por ter sido cortado pelo presidente da mesa. Naquela época, as comunicações não duravam vinte minutos, como acontece nos dias de hoje, mas apenas doze e, como não foram condescendentes com ele, não se tem essa comunicação. O texto mais próximo de “O estádio do espelho” não é o que consta dos *Escritos*, redigido bem mais tarde<sup>15</sup> – que já é um remanejamento –, mas o texto que figura em “Os complexos familiares”.

O eu não é o sujeito. Não é que Lacan defina o sujeito em “Os complexos familiares”, mas é preciso que ele os distinga. Ele o faz, antes de tudo, mantendo o status do sujeito dividido, opondo-se a qualquer concepção unificadora. Para ele, não se trata de uma divisão superável. Isso basta para se apreender por quê ele, mais tarde, fará da castração, e sem muita dificuldade, um conceito chave já que, em primeiro lugar, a castração escreve, nomeia a divisão do sujeito como não sendo superável.

Quando apreendemos a construção do conceito de castração no começo de sua elaboração lacaniana – em “Os complexos familiares” ele ainda o chama uma fantasia por não dispor, naquele momento, do conceito de simbólico –, esse ponto de partida nos ajuda a reconhecer o aspecto bífido, o caráter duplo desse conceito que, de um lado, aponta para o sujeito, re-nomeia sua divisão, ao passo que, do outro, aponta para o objeto dando lugar à sua perda. Mais tarde, Lacan introduzirá o símbolo (–) para escrever, do modo mais simples possível, a castração. Esse símbolo é tratado, posto em série, de um lado, com  $\$$ , a divisão do sujeito; do outro, com o pequeno  $a$ , o objeto como perdido.

Desde o ponto de partida de Lacan, vemos em quê a castração poderá se tornar para ele um conceito chave o que, na época, ainda não era. O que obstaculiza admitir a castração como um conceito chave da obra de Freud, é o fato de não se querer admitir a divisão do sujeito como definitiva, estatutária, não admitindo, evidentemente, nenhuma reconciliação e não permitindo pregar este esquecimento benévolo, esta negligência benigna chamada sabedoria. Portanto, em primeiro lugar, essa divisão profunda e, digo eu – encontramos a passagem nesse texto –, uma divisão pelo sintoma. Em segundo, encontramos ali uma estrutura anterior ao estruturalismo, pelo menos uma evocação ao conceito de estrutura, que é uma grade a partir da qual se pode decifrar – o que parecerá absolutamente opaco para a maioria – sua definição do complexo nessa época.

Com efeito, nem uma gata encontraria seus filhotes nesse complexo – aliás, Lacan abandonou sua promoção –, se não nos déssemos conta de que há nele uma antecipação do conceito de estrutura. Essa antecipação está presente, em primeiro lugar, na referência obrigatória ao social encontrada nesse texto. Dizemos que ela é obrigatória porque ela vem do próprio tema: a família. Ela vem daquele que promove a *Enciclopédia*, Henri Wallon, e da série em que o texto está inscrito, antes da escola e da profissão. Mas Lacan faz alguma coisa com essas obrigações de render homenagem a quem o acolhe, o que, afinal, é o destino dos acolhidos.

A ênfase posta sobre o social – obrigatória nessa *Enciclopédia* – e sobre o cultural como sendo o que especifica o social no homem, um cultural que é feito de sedimentações da comunicação, já anuncia a noção de simbólico pela afirmação,

chocante em todos os sentidos para o leitor da época, de que o que a psicanálise verifica é a dominância dos fatores culturais. Isso o leva a uma definição da ordem humana como tal, ou seja, diferenciada daquilo que ordena as relações das espécies animais, “subversiva a toda fixidez do instinto”<sup>16</sup>.

Aqui se justifica o apelo à antropologia, e mesmo à história, feito nesse primeiro texto. Essas referências, assim como as tomadas na idade das Luzes, têm a vantagem de levar os estranhos ou os fanfarrões ao debate. Isso tem sempre o mesmo valor de manifestar o artifício – que, afinal, é um outro nome do significante como semblante –, de fazer ver o artifício naquilo que regra, regulamenta, coage a existência humana. Se há um ponto maciço nesse texto e também inteiramente decisivo, depois do da divisão do sujeito, é a denúncia da concepção instintiva em se tratando do homem, sendo o instinto, como tal, rígido, invariável, ao qual se opõem precisamente pela investigação cultural mais elementar, as variações infinitas da existência humana e de seus modos de organização.

Um bom ponto de partida é que a pesquisa concernindo ao psiquismo não pode nunca objetivar os instintos, mas apenas as formas dominadas, de saída, pelos fatores culturais que Lacan, nesse texto, chama *complexos*. Precedentemente, enfatizei sua expressão “economia paradoxal dos instintos”<sup>17</sup>. Vocês encontrarão essa intuição, com certeza enriquecida, nas passagens agora célebres dos *Escritos*, quando ele retoma a inexistência da necessidade pura ou do instinto no ser falante, uma vez que, caso pudéssemos isolar essa necessidade, ela seria de todo modo remanejada pela demanda, pelo fato de que o sujeito fala e se endereça ao Outro. Evidentemente, no texto “Os complexos...” não encontramos essa circunscrição do Outro da demanda, mas já encontramos nele a resposta que permitia essa elaboração, a saber, o caráter profundamente não instintivo dos apetites humanos. Isso está presente até mesmo em sua análise do desmame, breve, sumária, criticável, mas surpreendente, marcando, em primeiro lugar, que, embora uma função de aparência natural ali esteja concernida, isso não permite, todavia, dar conta daquilo de que se trata nessa regulação que é o desmame.

### III – O complexo-estrutura.

Não nos surpreendamos com o fato de Lacan dar uma fórmula do complexo que ele chama generalizada, em relação à qual o complexo, no sentido analítico, aparece como um caso derivado. Dar uma fórmula generalizada do complexo quer dizer, na realidade, tratar o complexo como uma estrutura, do mesmo modo que, mais tarde, ele considerará que não há apenas estrutura analítica. Essa introdução de uma fórmula generalizada do complexo, que não é senão uma parte secundária ao complexo inconsciente, como se aqui se tratasse de uma paralisação do conceito, antecipa, de fato, aqui também, o que ainda falta a Lacan, a saber, o conceito de estrutura.

Isso é mais surpreendente pelo fato de que, mais tarde, o Lacan estruturalista atribuirá algumas incertezas freudianas a essa falta do conceito de estrutura, mas também encontrará, em Freud, algo como a antecipação da estrutura saussureana. Podemos dizer o mesmo sobre Lacan, exceto que, evidentemente, ele não tem a desculpa de Freud, porém, mesmo em torno dessa falta central de sua exposição, o mais surpreendente é tudo aquilo que ali já evoca e conduz a esse conceito de estrutura.

Só é possível orientar-se nessa noção de complexo a partir do conceito de estrutura. Lacan o chama uma *representação*, embora esse complexo tenha, de fato, dois traços; fixação e repetição. Fixação de uma etapa do desenvolvimento psíquico e repetição promovida por esse complexo, fazendo com que Lacan fale, aqui, da

atividade desse complexo – há algum tempo expus o conceito de estrutura em Lacan falando de “ação da estrutura”<sup>18</sup> –, que o faz começar a funcionar, eventualmente de modo despropositado – inclusive, é neste momento que ele é perceptível –, quando um engate, um certo tipo de experiência se apresenta. Como se pode dar conta dessa fixação e dessa repetição sem o conceito de estrutura? O que também evoca esse conceito de estrutura é a conexão de todo complexo com um objeto e, sem dúvida, seria preciso apreender esse objeto a partir do que ele chama formas de objetivação, que, decididamente, são formas de subjetivação, porquanto se trata de saber em qual nível o real se encontra objetivado por um sujeito, em um momento dado, ou seja, de fato comunicado. Para falar com propriedade, não há outra definição do objeto, da “identificação objetiva”<sup>19</sup>, da identificação de um objeto como tal, fora da possibilidade de comunicá-lo. É sem dúvida o que faz desse objeto uma objetivação, remetendo assim aos avatares, à posição de sujeito.

O que surpreende igualmente é que o objeto do qual se trata também é, afinal, uma antecipação do objeto que conheceremos em seguida como perdido. Nesse texto, há muitas falsas janelas, uma espécie de lista, de instalação simétrica, de contabilidade, que decorre certamente do estilo psiquiátrico e enciclopédico, mas, ao lê-lo no *a posteriori*, é preciso desarticulá-lo para percebermos que a manifestação essencial do complexo é a “carência objetiva no que diz respeito a uma situação atual”<sup>20</sup>. Dessa frase, podemos manter apenas o termo *carência*. O que Lacan nos apresenta sob o aspecto fixo e ativo do complexo se refere cada vez a uma carência. Apesar das aparências, é essa carência que ordena o que vem a seguir: a seqüência escandida do desenvolvimento psíquico proposta por ele. Isso permite ver com clareza o que esse texto antecipa, ao valorizar, em se tratando da estrutura no sentido analítico, sua correlação com o objeto como carente. Não temos aqui sua lógica apurada que Lacan dará mais tarde, mas sim seu ponto de evocação.

Não se tem essa mesma evocação no texto redigido pouco tempo antes “Para além do princípio de realidade”, embora todo o parêntese relativo à fenomenologia da experiência analítica – que aqui não figura de modo algum – deixe evidentemente pressentir elementos do ensino posterior.

Uma quarta antecipação, ainda que não desenvolvida, é, mesmo assim, explícita, caso saibamos ler o texto sem nos ocuparmos demais com as dificuldades de sua exposição. Nele, Lacan dá um triplo aspecto a essa carência: em primeiro lugar, ela é uma relação de conhecimento; em segundo, é uma forma de organização afetiva; em terceiro, é uma prova do choque do real.

Assim conduzido, mesmo que isso se justifique para os leitores da época e também para os de hoje que não dispõem da orientação proposta por mim, a aproximação parece um tanto heteroclita. Caso se trate do objeto, para situá-lo e identificá-lo, para compreender que o conhecimento também está em jogo, que não se trata de pura percepção, mas também de atividade no nível superior, como se imagina, e que é preciso a integração dessas percepções, ao mesmo tempo em que um emprego de mecanismos gnosiológicos – por que não complicar? –, podemos admitir também que, quanto a esse objeto, têm-se sentimentos e palpitações. Se falamos de complexo, é porque temos sentimentos fixados em relação a esse objeto – prova do choque do real – e porque, afinal, mesmo que esse objeto seja uma forma de objetivação do real, ele pode, todavia, nos surpreender. Podemos então compreendê-lo em um nível decomposto, mas espero não ter escapado para ninguém aqui o fato de que, uma vez retirados esses três aspectos do que Lacan chama carência objetiva através da qual se manifesta o complexo, essa tripartição já é a do simbólico, do imaginário e do real.

Uma vez que a relação de conhecimento só se concretiza na comunicação ela é impensável sem a dimensão simbólica. Essa forma de organização afetiva já supõe a posição do objeto como imaginária. Quanto à prova do choque do real, já encontramos antecipado o status propriamente lacaniano do real na palavra *choque*, que encontrará sua expressão propriamente re-fundada em seu ensino, por exemplo, em *pedaços de real*. Choque do real é também o que antecipa o real como impossível. Em termos precisos: é impossível reabsorver seu choque. Evidentemente, o que não marca o real como impossível é que ele não faz sistema, e temos de algum modo seu ponto de evocação nessa prova de choque do real.

Isso é o que constitui o pré-estruturalismo de Lacan ao qual falta a estrutura, ao qual falta a precisão que o simbólico, quando referido à estrutura saussureana, dá a esse vago conceito de cultural. O que falta a esse pré-estruturalismo é o conceito de significante. Em seu lugar está o conceito – aqui, apenas aproximado – que não permite fazer a diferença em relação ao objeto, a saber, o conceito de *imago*, tratado de maneira original por Lacan e que lhe permitirá nomear de maneira indiferenciada o objeto e o significante.

Para fazer um rápido curto-circuito: o que é que faz passar do pré ao pós-estruturalismo? O pré-estruturalismo é o aquém do significante e o pós-estruturalismo, o bom, ou seja, o único, o de Lacan, é o para além do significante, é a consideração do para além do significante.

#### **IV – Uma seqüência escandida.**

Antes de abordá-la, gostaria de lhes dizer algumas palavras sobre esta seqüência instaurada por Lacan. É muito simples. Há três escansões: o desmame, a intrusão e o Édipo.

Todo mundo sabe o que é o desmame.

Quanto à intrusão, é sob esse nome, sob esse título e no nível da família que Lacan re-situa seu “Estádio do espelho”. Aqui, trata-se essencialmente de uma análise do complexo fraterno. Este é o intruso.

No que diz respeito ao Édipo, há efetivamente uma tentativa para dar a esse complexo suas referências: em primeiro lugar, narrá-lo, explicá-lo e tirar as conseqüências de sua triangulação fundamental, situando assim o complexo de Édipo entre o pai e a mãe, dispondo apenas da fantasia de castração.

O mais surpreendente dessa seqüência é que, em se tratando de estádio, não encontramos nela o estádio anal. É muito singular, surpreendente, constatar essa ausência da referência freudiana. Em compensação, nela encontramos, de saída, a idéia de que as escansões desse desenvolvimento só encontram seu sentido a partir do Édipo. Lacan, em seu texto sobre a psicose, escreverá que o desenvolvimento, uma vez que ele tem seu lugar na psicanálise, só toma sua significação por retroação do complexo de Édipo, ou seja, as perdas anteriores não devem ser tratadas como puras feridas narcísicas, mas se ordenam a partir da castração, tomam seu valor analítico a partir da castração<sup>21</sup>. Já temos aqui essa boa orientação, visto que Lacan – muito rapidamente, é verdade – só articula esse desenvolvimento sob reserva de seu *remanejamento* – o termo é seu – pelo complexo de Édipo. Temos então o começo, de modo surpreendente, do que deve ser pensado nesse desenvolvimento, a saber, que ele se ordena retroativamente a partir do Édipo, que, nessa concepção, vem concluí-lo.

Quanto ao desmame, tem-se uma deslumbrante demonstração, da qual não mais necessitamos agora, porque passamos a ter o hábito – o mau hábito – de não mais repensar os fundamentos mesmos de nossas articulações. Aqui, temos uma demonstração de que a regulação representada pelo desmame não é uma regulação

natural, mas cultural. Tal como é praticado nos dias de hoje, o desmame poderia parecer mais próximo das exigências da natureza. Justamente aqui, as referências à antropologia e à história vêm, como peça de apoio, justificar, testemunhar que, na espécie humana, fez-se todo tipo de coisa com o desmame, que não se encontra nele uma fixidez comparável à do instinto e que, pelo contrário, é preciso dizer claramente que se inventou diversas formas de desmame.

Podemos ver para que servem essas referências à antropologia e à história. Aqui, servem sempre para demonstrar que não há relação com esse objeto, no sentido em que Lacan dirá mais tarde: *não há relação sexual*. Isso significa que não está escrito no instinto e, desde então, há lugar para a invenção humana, para a invenção do mundo simbólico, precisamente porque nesse lugar nada está escrito.

Quando se diz: *não há relação sexual*, imagina-se que isso se encarne, sobretudo – é verdade –, na relação entre o homem e a mulher. Aqui, não há nada escrito, razão pela qual se inventa. Mas isso também vale para qualquer relação do homem com seus objetos, porquanto eles vêm neste lugar que Lacan começa a circunscrever nesse momento, objetos que se pode dizer aproximativamente de gozo, para os quais ele também inventou a maneira de se comportar com eles.

Podemos lamentar, pela beleza da coisa, que ele não trate do suposto estádio anal, pois o que nele prevalece por excelência é esta invenção humana, ou seja, a cloaca, o esgoto ou a lixeira e outras tantas formas de lidar, testemunhos da cultura como tal. Lacan propunha definir não a cultura, mas a civilização como esgoto, não *os gostos*, mas *o esgoto*. A civilização é o que caminha nas profundezas do esgoto, o que, aliás, vemos reaparecer na questão da literatura. Ao tomá-lo desse modo, talvez surja uma idéia diferente daquela, sumária, sustentada pelos partidários desse pós-estruturalismo.

O que é divertido nesse texto, é a demonstração do que hoje consideramos como recebido, havendo nisso uma radical diferença com o instinto. Rer a passagem: “Não há nada instintivo entre a mãe e a criança na espécie humana”, talvez ajude a desprender-se das elucubrações de um Bowlby que, longe de restringir a nada a parte do instinto no comportamento humano, sonha, pelo contrário, estendê-lo até uma idade tão avançada que se poderia muito bem comparar ou regular esse movimento – por que não? – a partir dos hábitos das abelhas.

O significante que falta a Lacan é também o significado, uma vez que ele tenta marcar que o que conta não é tanto o fato do desmame quanto “a maneira como ele será vivido” pelo sujeito e segundo a significação que este lhe dará. Como Lacan fala apenas de tempos em tempo e fugidamente sobre sentido e significação, ele recorre a um termo que é precário para nós, a saber, o de intenção mental do sujeito incidindo sobre o desmame. Assim, pela intenção mental, o sujeito pode aceitá-lo ou recusá-lo, traço que marcará a seqüência de seu desenvolvimento. De certo modo, ele não o aceita nem o recusa completamente, nenhuma das duas vertentes é predominante: uma intenção mental, aquém da escolha porque “o eu não está constituído”<sup>22</sup>. Isso é um marco em sua expressão, até mesmo seu mental, mas nos entenderíamos melhor se ali houvesse a intenção de significação que, aliás, vocês encontrarão na própria representação do grafo de Lacan, como estando na origem do vetor do significado: trata-se da intenção mental tornada intenção de significação. Isso faz com que, para nós, a significação nos fale mais do que o mental, o que não impede que o mental, definitivamente, se reduza a isso.

Observo ainda que, de maneira surpreendente e *en passant*, Lacan assinala o fato de que, para a criança, desde os primeiros dias e antes mesmo da coordenação do olhar, o rosto humano não lhe é indiferente. Basta essa anotação para excluir qualquer idéia, fundamentada na observação da criança, de um narcisismo primário que a faria

ocupar-se apenas com a realidade de seu corpo. O que levou tanto tempo para ser adquirido – parece que hoje isso se faz fugidamente –, ou seja, aperceber-se da abertura do mundo primário da criança, aqui, já se tem, *en passant*, a notação. Para o recém nascido, o rosto humano já tem valor. Nesse sentido, Lacan já tomara o partido de que não há narcisismo primário. O único narcisismo concebível é o secundário, a saber, o que supõe o eu e sua relação com a imagem.

O que é que faz imago nessa questão? Se Lacan diz, com toda tranquilidade, que é o seio materno, se esse complexo de desmame é articulado à imago do seio materno, é evidente que ele, em 1938, já se beneficia de Melanie Klein. O nome de Melanie Klein, salvo erro, só aparece uma vez nesse texto, o que não impede Lacan de tomar seu partido em um debate que ocupará o movimento psicanalítico por longo tempo. Podemos observá-lo no fato de ele, em seguida, evocar fantasias, prestando homenagem a Melanie Klein como uma das pesquisadoras que melhor compreenderam a origem materna das fantasias de desmembramento, de deslocação, de estripação, de devoração, etc.

A ligação imago-complexo se exprime no fato de que é a perda do objeto – para nomear esse complexo, é escolhido o momento em que esse objeto se vai – que imprime o complexo como tal. Lacan faz desse complexo, classicamente, o mais primitivo, admitindo, é claro, os remanejamentos dialéticos que ele sofrerá. Porém, certamente há nesse texto uma primariedade da mãe, de modo que, mesmo em sua interpretação do complexo de castração, da fantasia de castração, é ainda a origem materna que ele valorizará.

A função do pai é de fato repelida como estando inteiramente afastada, como estando fora da esfera fantasística dominada pela presença materna desde o desmame. O que virá a seguir, a posição excepcional do ponto de basta como presença do Nome-do-pai, já está anunciada nesse texto, uma vez que toda a fantasística humana, até à castração, é tomada no parêntese materno. A função do pai aparece como sendo de uma ordem completamente diferente, embora Lacan ainda não disponha de outro termo senão o de *imago* para qualificá-lo.

Para retomar essa ligação imago-complexo, a estrutura, no sentido de Lacan, é articulada a um objeto perdido, pelo menos no que concerne ao desmame e ao Édipo, uma vez que ali a situação do complexo de intrusão – inventado devido à circunstância – não responde de maneira estrita. Posteriormente, o complexo de intrusão será um tampão e Lacan fará dele uma extrusão. Ele ali está um tanto forçado e motivado por uma consideração puramente desenvolvimentista.

## **V – Uma concepção de conjunto do desenvolvimento psíquico.**

Relendo esse texto, fui tomado de entusiasmo. Foi para mim uma surpresa relê-lo como um escrito de Lacan. O que é absolutamente surpreendente é essa consistência e sobretudo o fato de Lacan não ter se detido nessa consistência, não ter repetido os complexos familiares por toda sua vida. Ele teria podido fazê-lo, já que é verdadeiramente uma concepção de conjunto do desenvolvimento psíquico. Assinalarei apenas dois pontos, pois não quero me deixar levar pelo comentário.

Em primeiro lugar há aqui, com todas as letras, o conceito de apoio – cujo mérito da descoberta alguém quis se atribuir –, a constatação de que é definitivamente nas funções naturais que a pulsão se apóia.

Decerto que, nessa data, Lacan não dispunha do conceito de pulsão. Ele só fala de instinto, para recusá-lo, é claro, mas ressaltará que esse valor não cai do céu, que devemos estar liberados da consideração do instinto no sentido estrito quando nos ocupamos de Freud. É um dos efeitos do retorno a Freud. E ali está articulado de

maneira precisa: “Opondo o complexo ao instinto, não negamos ao complexo qualquer fundamento biológico, e definindo-o através de algumas relações ideais” – a falta do termo simbólico se faz também sentir aqui – “nós, todavia, o religamos à sua base material”. Essa base é a função assegurada por ele no grupo social; e o fundamento biológico está na dependência vital do indivíduo em relação ao grupo. Enquanto o instinto tem um *suporte* orgânico e não é senão a regulação deste em uma função vital, o complexo só eventualmente tem uma *relação* orgânica, quando suplementa uma insuficiência vital através da regulação de uma função social. Este é o caso do complexo de desmame<sup>23</sup>. Em outras palavras, há um fundamento biológico desse complexo, o que não impede que ele seja articulado e inscrito pelo simbólico.

Observem que, aqui, o termo *relação* emerge, uma relação orgânica. Se vocês pensarem no termo relação sexual, vocês podem também defini-lo pela suplência não a uma insuficiência vital, mas a uma insuficiência no simbólico, pela regulação de uma função que, por isso, se torna social. Nada temos a objetar. O termo *relação*, sob a escrita de Lacan, vem exatamente na posição que terá mais tarde, ou seja, o de suplência de uma falta, a questão é em quê essa suplência faz com que haja ou não haja essa relação. Essa relação com o orgânico, com o fundamento biológico, é uma primeira notação que não é negada em seu conjunto.

A segunda notação é a maneira como Lacan adota ou recusa ao mesmo tempo o instinto de morte no sentido de Freud. Aqui, a falta do termo pulsão se faz sentir, uma vez que ele presta homenagem ao instinto de morte como uma deslumbrante invenção de Freud, considerada por ele como contraditória nos termos: “isso é tão verdade que o próprio gênio, em Freud, cede ao preconceito do biólogo o qual exige que toda tendência se refira a um instinto. Ora, a tendência à morte, que especifica o psiquismo do homem, se explica de maneira satisfatória pela concepção que desenvolvemos aqui, a saber, que o complexo, unidade funcional desse psiquismo, não responde a funções vitais, mas à insuficiência congênita dessas funções<sup>24</sup>. Temos aqui, ao mesmo tempo, a adoção do instinto de morte, mas sob o nome de tendência à morte, para lhe tirar todo fundamento biológico.

Aqui também, é a promoção do conceito do simbólico que permitirá a Lacan, no relatório de Roma, validar, pela primeira vez e de modo convincente, a invenção freudiana, remetendo-a à própria dimensão da cadeia significante. Não vou me deter no fato de que Lacan fundamentou essas insuficiências vitais em Bolk, na concepção da pré-maturação específica da criança humana.

Se eu situei a tendência à morte, validada por Lacan, no momento em que ele fala do desmame, é porque é nele que Lacan articula a ligação entre a morte e a mãe. Tudo o que é fantasia de morte, evocação da morte, tendência ao suicídio – está fundamentado na clínica e Lacan não desmentirá mais tarde –, desde que disso se trate, é a mãe, a imago materna que vem lhe dar razão. A mãe preside – esta é sua concepção – a perda primitiva, a do seio. A imago materna é lembrada ao sujeito, com uma intensidade variável, cada vez – e estes termos não são os de Lacan, na época – que *uma perda de gozo* intervém.

Para os que se interessam pela teoria das toxicomanias – não encontrando nisso muito apoio de Lacan –, mesmo aqui ele apela à imago materna para explicar a forma que essa toxicomania pode tomar, ou seja, de lento envenenamento de amor: “envenenamento lento pela boca”. São, evidentemente, os anos loucos, o ópio dos anos vinte.

Com efeito, em todo esse texto vê-se pairar a imago materna, de maneira kleiniana, sobre todas essas conexões com a morte. Sem dúvida, isso faz do pai uma função de *reparação*, o termo de Lacan era “uma função de sublimação<sup>25</sup> – ele evocará, *en passant*, o intra-uterino. Ele chega até a apoiar-se no testemunho de

pediatras, segundo os quais as crianças nascidas antes do termo sofreriam de carência afetiva, mantendo suas distâncias para com o traumatismo do nascimento. A mãe é a deusa das carências e o pai é encarregado de uma função positiva. Ele inclusive relaciona as neuroses contemporâneas ao declínio da imago paterna.

Felizmente ele não manteve o termo complexo de intrusão, que faz a segunda escansão depois do desmame. Nessas três páginas, embora Lacan, diferentemente de Freud, nunca tenha falado de sua análise, nessa parte do complexo de intrusão em que são definidas com muita finura as devastações produzidas num filho mais velho quando da chegada de um caçula, não podemos nos impedir de pensar em sua própria constelação familiar, no status de seu jovem irmão. Pautados nesse complexo de intrusão, não podemos nos impedir de dar sentido ao fato de que esse jovem irmão tenha se tornado monge.

É nesse complexo de intrusão – cuja leitura, conforme lhes disse, é divertida – que Lacan retoma seu “Estádio do espelho”. Quem é, nele, o objeto-*imago*? É o semelhante. Por isso, na sociedade humana, o que aparece como traço essencial é o ciúme – aqui, isso tem um valor especial, uma vez que será o grande tema da tese de Lagache –, e a função do ciúme como arquétipo dos sentimentos sociais, o estádio do espelho, a competição e o acordo são dados como os vetores, o próprio motor da sociedade humana: competição com o rival e acordo com o igual.

Se quiséssemos esmiuçar esse complexo de intrusão veríamos, em primeiro lugar, que ele instaurou, de modo evidente, algo da relação imaginária com o outro; ao mesmo tempo, veríamos também evocado, pela falta constatável, o conceito de Outro visando a fundamentar o acordo para além da competição. Quando, em seu Seminário, Lacan escreve no quadro negro seu esquema L, contrapondo o eixo imaginário ao eixo simbólico, a relação com o outro imaginário à relação com o Outro simbólico, é evidente que ele encontra ali a boa fórmula do complexo de intrusão.

## VI – Uma retomada do complexo de Édipo.

Em terceiro lugar, valeria também a pena falar da maneira como Lacan dá conta do complexo de Édipo pela fantasia de castração, apoiando-se em Frazer para sondar a universalidade da proibição do incesto com a mãe, e tratando o parricídio de *Totem e tabu*, de saída, como um mito freudiano, um mito e uma construção destinados a dar à *imago* paterna o seu valor.

É preciso ver que o fato de dizer *fantasia de castração* evoca imediatamente para ele a dominância da mãe. Nessa castração, a mãe é o fator desencadeante, a ponto de dizer que não é a irrupção do desejo genital que motiva o Édipo, mas, a re-atualização da *imago* materna primitiva pela angústia que pode suscitar. Por isso, a castração é a da defesa do eu narcísico diante da angústia que re-atualiza a mãe. Isso faz com que a castração não tenha aqui tanta especificidade quanto o fato de ser uma parcialização das fantasias globais de corpo despedaçado. É o que está presente nessa passagem já mencionada por mim: “o exame dessas fantasias” – as fantasias de origem materna referidas por Melanie Klein – “que encontramos nos sonhos e em alguns impulsos, permite afirmar que elas não se referem a nenhum corpo real, mas a um manequim heteróclito, a uma boneca barroca, a um troféu de membros em que é preciso reconhecer o objeto narcísico cuja gênese evocamos mais acima: condicionada pela precessão, no homem, de formas imaginárias do corpo sobre o domínio do corpo próprio”<sup>26</sup>.

O conjunto dessas fantasias é referido a essa pré-maturação primária instalando também um valor da mãe, fazendo do corpo, de saída, não uma imagem integrada, mas uma imagem que se formou, de algum modo, pela sedimentação

dessas formas imaginárias que vieram preencher esse furo sem fundo representado por essa defasagem inicial.

A castração está referida a esse corpo. A castração tratada como uma fantasia não é senão a paralisação, sobre uma parte especial do corpo, dessas fantasias que são fundamentalmente sempre fantasias de deslocação ou de desmembramento.

O que é que Lacan chama, aqui, *fantasia*? Ele chama fantasia o que é de fato a decomposição da boneca narcísica. O narcisismo é o que cola essa imagem multiforme, essa imagem heterogênea. A palavra *fantasia* vem denotar o momento em que, nos sonhos, nas obsessões, nas alucinações, essa cola se dissolve e esse corpo fica em pedaços. Por tratar a castração como uma fantasia, a fantasia de castração é devida à eleição de uma parte especial do corpo, em que se concretizam a deslocação e o desmembramento: “A fantasia de castração se reporta a esse mesmo objeto”, ou seja, a essa boneca barroca: “sua forma não depende do sexo do sujeito e determina, mais do que submete, as fórmulas da tradição educativa. Ela representa a defesa oposta pelo eu narcísico à renovação da angústia que tende a abalá-lo: crise que não é tão causada pela irrupção do desejo genital no sujeito quanto pelo objeto atualizado por ele, a saber, a mãe”<sup>27</sup>. É uma teoria da castração como estritamente imaginária que, por isso mesmo, aparece como parcial, exceto que ela valoriza mais a intervenção da *imago* paterna. Encontramos aqui, de modo mais convincente do que nessa passagem, esta análise fundamental: o que o Édipo freudiano valoriza é a oposição entre a identificação e o desejo. Da identificação edipiana percebida do lado viril, Lacan mantém que uma clivagem se introduz entre o objeto desejado e a identificação. Por isso, o desejo genital não é a angústia. A angústia vem depois. O desejo genital reatualiza a mãe como objeto fundamental do desejo, o objeto como tal, e, em compensação, um outro processo diferente da eleição do objeto é posto em cena, a saber, a identificação com o que obstaculiza a realização desse desejo, ou seja, o pai.

Portanto, aqui, com o Édipo, tal como ele o apresenta – seu conceito de desejo é ainda um conceito alimentado, formado no imaginário –, há irrupção de um objeto completamente diferente que não é o objeto maior, materno, mas sim o objeto de identificação que intervém como tal, apesar e por causa do obstáculo que ele representa para o desejo. Introduce-se aqui, bruscamente, a *imago* do pai que, em si mesma, é toda sublimação, no que diz respeito à satisfação do desejo. Em seguida, Lacan dará ao termo desejo uma definição bem mais ampla. No fim das contas, poderíamos colocar o *gozo*, aqui, no lugar do desejo. Ele dará a essa *imago* do pai o seu lugar a partir da sublimação, dizendo justamente que se verá surgir ali, com o pai, um tipo de objeto completamente diferente do anterior, um tipo de objeto que não é de satisfação, mas, para falar com propriedade, de identificação ideal. Nesse texto, a *imago* paterna é muito classicamente encarregada dessa função de idealizar e, é preciso dizê-lo, idealizante. Aqui se prepara o Nome-do-Pai.

O valor de sua retomada do complexo de Édipo é nos fazer passar do outro materno, mortífero, do semelhante como outro também mortífero, ao outro sublimado presidindo o que pode haver de acordo entre o sujeito e sua existência. Nesse ponto, a falta do conceito de Outro se faz sentir, embora ele ali esteja evocado. “Este momento, ao fazer surgir o objeto que sua posição situa como obstáculo ao desejo, mostra-o aureolado da transgressão sentida como perigosa; ele aparece ao eu como sendo ao mesmo tempo o apoio de sua defesa e o exemplo de seu triunfo”. E eis o importante: “Por essa razão, esse objeto vem normalmente preencher o quadro do duplo onde o eu se identificou primeiro e através do qual ele pode ainda confundir-se com o outro”<sup>28</sup>.

Em outras palavras, é como se ele saísse do quadro e, no lugar do que era antes o outro, o semelhante, viesse se inscrever um objeto, aureolado, triunfante, obstáculo, sendo, ao mesmo tempo, exemplo do triunfo. “Ao reforçar esse quadro, ele

traz para o eu uma segurança, mas, do mesmo golpe, ele lhe opõe um ideal que, alternativamente, o exalta e o deprime. Esse momento do Édipo dá o protótipo da sublimação, tanto pelo papel de presença mascarada aí desempenhado pela tendência, quanto pela forma com a qual ele reveste o objeto. Com efeito, a mesma forma é sensível a cada crise em que se produz, para a realidade humana” – um termo heideggeriano, tradução de *Dasein*, na época –, “a condensação cujo enigma formulamos mais acima: é essa luz da surpresa que transfigura um objeto dissolvendo suas equivalências no sujeito e o propõe não mais como meio para a satisfação do desejo, mas como pólo das criações da paixão. [...]. Uma série de funções antinômicas se constitui assim no sujeito pelas crises maiores da realidade humana, a fim de conter as virtualidades indefinidas de seu progresso” – conter no sentido de continente.

Por todo esse texto, Lacan exalta o papel paterno, de modo que, na ocasião, ele está prestes a atribuir ao desaparecimento do personagem paterno na história de um sujeito os próprios limites de sua forma de objetivação do mundo. E ele suspende a realização do desenvolvimento psíquico à conclusão desse percurso até a enigmática sublimação. Com essa condensação cujo enigma ele formula, essa luz da surpresa que transfigura um objeto dissolvendo suas equivalências no sujeito, e que ele propõe como pólo das criações da paixão, na falta do conceito de significante como transgredindo e reordenando as formas imaginárias, não se pode dizer que Lacan dissolve o enigma: ele, antes, o batiza como *sublimação*.

Por isso, a primeira parte do texto termina com o exame do status do homem moderno em relação a essa *imago*, estuda a relatividade do matriarcado e do patriarcado e, sobretudo, remete a neurose contemporânea e também a emergência da psicanálise ao declínio da *imago* paterna. Isso nos aproxima da literatura<sup>29</sup>.

Ele formula a evolução da neurose de caráter e faz dela um tipo especial. É essa carência que, conforme à nossa concepção do Édipo, vem exaurir o élan instintivo assim como aferir a dialética das sublimações. Madrinhas sinistras instaladas no berço do neurótico, a impotência e a utopia encerram sua ambição, seja por ele sufocar nele próprio as criações esperadas pelo mundo onde chega, seja porque, no objeto que propõe à sua revolta, ele desconheça seu próprio movimento.

Assina: Jacques Marie Lacan, antigo chefe de clínica na Faculdade de Medicina. Evidentemente, não há muitos antigos chefes de clínica da Faculdade de Medicina que se expressem assim. Não vou me deter na parte clínica da coisa.

Não pude tratar hoje do pós-estruturalismo, mas lhes darei a chave. O único pós-estruturalismo é o do objeto, aquele que nos leva, “para-além do significante”, a uma nova forma, inédita, da carência objetiva.

*Tradução: Vera Avellar Ribeiro*

---

<sup>1</sup> Texto e notas estabelecidos por Catherine Bonningue, a partir de duas lições de *A Orientação lacaniana*, II, 3, “Respostas do real”(7 & 14 de março de 1984), ensino pronunciado no quadro do departamento de Psicanálise de Paris VIII. Traduzido de “Lecture critique des “complexes familiaux” de Jacques Lacan.” *La Cause freudienne* N° 60 (Juin 2005), pp. 33-51. Agradecemos a amável autorização do autor.

<sup>2</sup> Jacques-Alain Miller é psicanalista, Diretor do Departamento de Psicanálise (Paris VIII).

<sup>3</sup> O texto *Complexos familiares*, de Jacques Lacan, depois de estar na *L'Encyclopédie française*, tomo VII (março de 1938), foi objeto de uma primeira publicação, em 1984, pela Navarin, e posteriormente inserido em *Autres écrits*, Paris, Le Seuil, 2001, (p. 23-84).

<sup>4</sup> Lacan, J. (1998). Para-além do “Princípio de realidade”. In *Escritos* (pp. 77-95). Rio de Janeiro: J. Zahar. (Texto de 1936).

<sup>5</sup> Lacan, J. (2001). Les complexes familiaux dans la formation de l'individu. In *Autres écrits* (p. 23). Paris: Seuil: “A espécie humana caracteriza-se por um desenvolvimento singular das relações sociais, que

---

sustentam capacidades excepcionais de comunicação mental, e, correlativamente, por uma economia paradoxal dos instintos que aí se mostram essencialmente suscetíveis de conversão e de inversão, não tendo mais efeito isolável senão de modo esporádico”.

<sup>6</sup> Lévi-Strauss, C. – *Les Structures élémentaires de la parenté*, Paris/ La Haye, Mouton et Cie., 1967 ( 1ª. Dic. 1949)

<sup>7</sup> Lacan, J. (2001). Les complexes familiaux dans la formation de l’individu (p. 24). Op.cit.

<sup>8</sup> Idem, *ibid.* (pp. 28-29). “O conceito de complexo, embora recentemente introduzido” – por Freud – “demonstra-se melhor adaptado a objetos mais ricos; por essa razão, repudiando o apoio que o inventor do complexo acreditava dever buscar no conceito clássico de instinto, acreditamos que, por uma reversão teórica, é o instinto que poderia ser esclarecido, atualmente, por sua referência ao complexo”.

<sup>9</sup> Idem, *ibid.*

<sup>10</sup> Cf. o início da lição de 7 de março não reproduzida aqui.

<sup>11</sup> *Ibid.*

<sup>12</sup> *Ibid.*

<sup>13</sup> Freud, S. (1969). Pour introduire le narcissisme. *La vie sexuelle* (p p. 81-105). Paris: PUF. (Texto de 1914).

<sup>14</sup> Freud, S. (1981). Le moi et le ça. In *Essais de psychanalyse* (pp. 230-275). Paris: Payot, col. Petite bibliothèque. (Texto de 1923).

<sup>15</sup> Lacan, J. (1998). O estádio do espelho como formador da função do eu, tal como ela nos é revelada na experiência psicanalítica. In *Escritos* (pp. 96 – 103). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Texto de 1949).

<sup>16</sup> Lacan, J. (2001). Les complexes familiaux dans la formation de l’individu (p. 28). Op.cit.

<sup>17</sup> Cf. a lição de 8 de fevereiro de 1984.

<sup>18</sup> Miller, J.-A. (2002). Action de la structure. In *Un debut dans la vie* (pp. 57-85). Paris: Gallimard, Le Promeneur.

<sup>19</sup> Lacan, J. (2001). Les complexes familiaux dans la formation de l’individu (p. 28). Op.cit.

<sup>20</sup> Idem, *ibid.*

<sup>21</sup> Lacan, J. (1998). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In *Escritos* (pp. 560-561). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Texto de 1958).

<sup>22</sup> Lacan, J. (2001). Les complexes familiaux dans la formation de l’individu. (p p. 30-36). Op.cit.

<sup>23</sup> Idem, *ibid.* (pp. 34-35).

<sup>24</sup> Idem, *ibid.* (p. 35).

<sup>25</sup> Idem, *ibid.* (p. 55).

<sup>26</sup> Idem, *ibid.* (pp. 52-53).

<sup>27</sup> Idem, *ibid.* (p. 53).

<sup>28</sup> Idem, *ibid.* (p. 55).

<sup>29</sup> Idem, *ibid.* (pp. 60-61): “O papel da imago do pai se deixa perceber de maneira surpreendente na formação da maioria dos grandes homens. Seu brilho literário e moral na era clássica do progresso, de Corneille a Proudhon, vale ser notado; e os ideólogos que, no século XIX, criticaram da maneira mais subversiva a família paternalista, não são aqueles que portam sua menor marca. Não somos como os que se afligem por um pretenso afrouxamento do laço familiar. (...) Mas um grande número de efeitos psicológicos nos parece decorrer de um declínio social da imago paterna. Declínio condicionado pelo retorno sobre o indivíduo de efeitos extremos do progresso social, declínio que se marca sobretudo nos dias de hoje nas coletividades mais postas à prova por esses efeitos: concentração econômica, catástrofes políticas. [...] Seja qual for o seu futuro, esse declínio constitui uma crise psicológica. Talvez se deva referir a essa crise o aparecimento da própria psicanálise. O sublime acaso do gênio talvez não explique sozinho que tenha sido em Viena – na época, centro de um estado que era o *melting-pot* das formas familiares – as mais diversas, das mais arcaicas às mais evoluídas, dos últimos agrupamentos agnáticos dos camponeses eslavos às formas mais reduzidas do lar pequeno burguês e às formas mais decadentes do casal instável, passando pelos paternalismos feudais e mercantis – que um filho do patriarca judeu tenha imaginado o complexo de Édipo. Seja como for, são as formas de neuroses dominantes no final do século que revelaram que eram intimamente dependentes das condições da família”.